



“Se o barco se afundar, temos 27 países para escolher”

Muitos portugueses correram a fixar-se no Reino Unido, antes que o “Brexit” comece “a doer”. Os mais receosos são os não-qualificados, cuja permanência fica mais ameaçada pelos cortes nos apoios

Natália Faria

Na cidade de Thetford, a duas horas de distância de Londres, os emigrantes portugueses que chegaram nos últimos anos, maioritariamente para trabalharem na indústria de processamento da carne (e que não debandaram quando, em 2016, os britânicos aprovaram a saída do Reino Unido da União Europeia), estavam “em ponto morto”, segundo Susana Forte Vaz. “Não sabíamos em que direcção o carro ia virar. Agora pelo menos sabemos qual é a estrada por onde vamos”, sintetiza esta portuguesa que se dedica, desde 2005, a ajudar os emigrantes portugueses recém-chegados ao condado de Norfolk a tratar da burocracia necessária para aceder a um lugar na escola, cuidados de saúde, uma casa com rendas controladas, enfim, tudo a que o Estado social britânico dá direito.

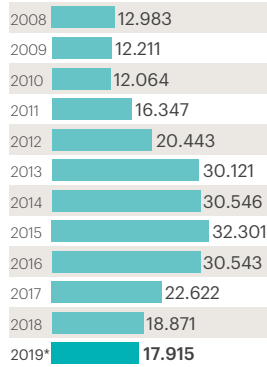
E precisamente porque a concretização da saída da União Europeia ameaça cortes profundos nos benefícios sociais dos imigrantes, muitos portugueses apressaram-se no último ano a emigrar para o Reino Unido (que, além de Inglaterra, inclui a Escócia, o País de Gales e a Irlanda do Norte) antes de o “Brexit” “começar a doer”. “De Janeiro até Setembro de

2019, houve 17.915 portugueses a entrar no Reino Unido e, portanto, tudo aponta para um aumento relativamente às 18.871 entradas de 2018, e para uma recuperação do ritmo de entradas que vinha desacelerando desde 2016, o ano do referendo”, descreve Inês Vidigal, investigadora do Observatório da Emigração (OE), para arriscar: “Este novo aumento pode traduzir-se numa espécie de ‘última oportunidade’ de entrar antes de a porta começar a fechar-se.”

Os dados do Observatório da Emigração mostram que depois da grande debandada para o Reino Unido, nos piores anos da crise – os 83 mil emigrantes portugueses naquele país, em 2008, dispararam para 140 mil, em 2015 –, houve nove mil retornos a seguir ao referendo sobre o “Brexit”, em 2016, fazendo baixar a comunidade de portugueses para os 131 mil. Ultrapassado o susto inicial, porém, e com o divórcio do Reino Unido a ser sucessivamente adiado, os portugueses parecem ter voltado a perder o medo de emigrar para lá. Embora, desde então, as saídas se façam a um ritmo menos acelerado, em 2018 a comunidade portuguesa tinha-se robustecido para 141 mil residentes.

A partir de Thetford, Susana Vaz Forte conta que no ano passado muitos portugueses novos chegaram. “Tenho visto caras novas todos os

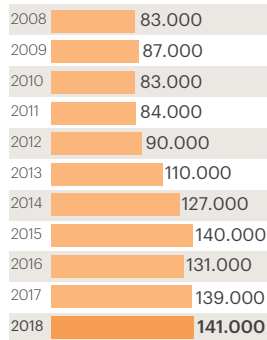
Entradas de portugueses no Reino Unido



*até Setembro

Estes valores correspondem aos portugueses a quem foi atribuído um número de registo no National Insurance Recording System, o qual é obrigatório para quem pretenda trabalhar

Residentes no Reino Unido nascidos em Portugal

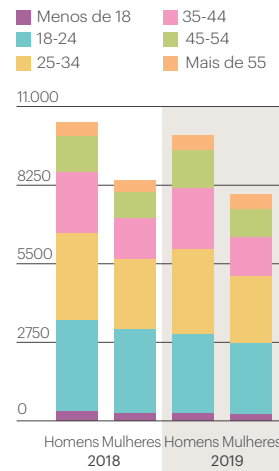


Fonte: SEF, Observatório da Emigração (a partir dos indicadores no Department for Work and Pensions) PÚBLICO

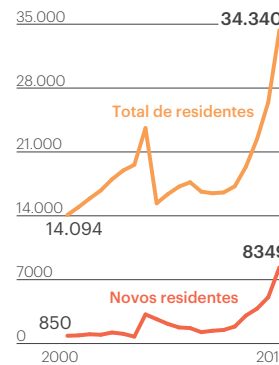
dias. Anda há dias um comerciante comentava que, no Natal, vendeu como não se lembra desde há muito tempo e que até ficou sem bolos-reis para as encomendas”, descreve. Entre a comunidade de emigrantes portugueses, a convicção, segundo Susana Forte Vaz, é que “quem chegou até às onze horas da noite de sexta-feira pode ficar com os direitos todos, mas para quem venha depois as regras vão ser diferentes”.

“Se descontarmos os enfermeiros, quem chega aqui à região são sobretudo trabalhadores para a indústria da carne, sem skills”, caracteriza ain-

Portugueses entrados no Reino Unido por sexo e idade



Comunidade britânica residente em Portugal



da Susana Forte, para explicar que estes serão também potencialmente mais afectados pelos temidos cortes nos direitos de cidadania e nos apoios sociais. “A quem tenha rendimentos baixos, a câmara ajuda a pagar a renda de casa, do mesmo modo que o subsídio de desemprego pode ser prolongado para lá do período normal, desde que as pessoas não tenham dinheiro em contas-poupança ou propriedades. E depois há os abonos para os filhos, as baixas médicas, os subsídios por incapacidade”, descreve Susana, para quem os travões à imigração não qualificada

poderão surgir por via dos cortes neste tipo de apoios. “Se trabalharem e ganharem dinheiro suficiente para pagar as suas contas, podem ficar. Caso não, provavelmente serão convidados a sair.”

Passando por cima das incertezas que permanecem, o investigador Pedro Góis diz acreditar que será preciso esperar mais uns meses para se perceber o verdadeiro impacto do “Brexit” nos fluxos migratórios. “Há classes, como a dos enfermeiros, que continuarão a emigrar como se nada tivesse acontecido, porque continua a haver grande necessidade de mão-



Conseguí um trabalho decente, tenho conseguido progredir. Sou feliz aqui, só me falta a minha família (motivo pelo qual não pretendo ficar a longo prazo)

Sofia Moreira

Engenheira civil, vive há quatro anos no Reino Unido

fazer as contas para perceber se vale a pena ficar”.

Uma das vias encontradas pelos emigrantes portugueses para driblar futuras dificuldades acrescidas, e que segundo Pedro Góis poderão ter tradução prática como a dificuldade de inscrição numa escola pública, tem sido a de requerer a nacionalidade britânica. Em 2018, 1906 portugueses tornaram-se cidadãos britânicos, acima dos 1234 de 2017. Em 2015, antes do referendo, apenas 422 portugueses tinham feito o mesmo, segundo os dados fornecidos ao PÚBLICO pelo Home Office britânico.

“Antigamente, não via ninguém preocupado com isso, agora sim: querem que pelo menos os filhos tenham nacionalidade britânica”, confirma Susana Forte Vaz, para explicar que o movimento só não será maior porque há requisitos a cumprir: “Se os pais estiverem aqui há cinco anos à data do nascimento do filho, podem pedi-la e é-lhes concedida, desde que provem que estiveram a trabalhar. Se tiverem estado no desemprego, os filhos perdem esse direito.”

Quanto às crianças que nascem no Reino Unido, filhas de pais que lá residem há menos de cinco anos, “terão de viver cá os primeiros dez anos da vida deles”, para poderem ser considerados cidadãos britânicos. “O preço é excessivo, ultrapassa as mil libras, e, para os pais, é difícil porque têm de fazer um exame de língua e cultura inglesa, de fazer o juramento da bandeira, essas coisas todas...”

Mas a preocupação que surge à cabeça de quem aparece pela primeira vez no gabinete de Susana Forte Vaz é outra. “Querem saber se os seus direitos serão cortados.” Treinada há anos na tarefa de deslindar o novelo burocrático britânico, Susana não consegue, desta vez, responder-lhes. “Há quem diga que não vai acontecer nada, há quem diga que tudo vai mudar. A única coisa que consigo dizer-lhes é que saímos do ‘ponto morto’ com a concretização do ‘Brexit’. Agora, a intranquilidade vem de não sabermos que obstáculos nos esperam ao longo da estrada”, resume, para concluir, usando de um humor que quase se diria britânico, que, ao contrário destes, os imigrantes podem sempre sair do Reino Unido: “Se o barco se afundar, atravessamos o canal e, do outro lado, temos 27 países para escolher.”

nfaria@publico.pt

Britânicos em Portugal duplicaram: não querem “perder o direito de circular” na UE

Natália Faria

A antecipação das consequências do “Brexit” não se limitou a acelerar o movimento de ida dos portugueses para o Reino Unido. Do lado de cá, também há mais britânicos a chegar e a candidatarem-se à nacionalidade portuguesa. Segundo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), em 2019 fixaram-se em Portugal 8349 novos residentes britânicos. No ano anterior, tinham sido 5079. Em 2017, 3832. No ano que antecedeu o referendo, em 2015, os britânicos que escolheram viver em Portugal não chegavam a 1900. Dito de outro modo, e ainda de acordo com os números do SEF, a comunidade britânica em Portugal duplicou de tamanho, entre 2015 e 2019: eram 17.230 e, no final do ano passado, tinham chegado aos 34.340 residentes.

O coordenador científico do Observatório da Emigração, Rui Pena Pires, acha que “boa parte do aumento dos britânicos a residir em Portugal será o resultado do facto de os residentes de há vários anos terem regularizado a sua situação por recearem as consequências de uma permanência mais informal depois do ‘Brexit’”. Mas o investigador confirma a chegada de novos imigrantes britânicos que vieram empurrados “pelo receio de perderem o direito de circular no espaço da União Europeia”.

Para o investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra Pedro Góis, os números são muito superiores. “Há um atraso de oito meses entre a chegada [de novos cidadãos britânicos] e a definição do processo. Portanto, todos os que, em Janeiro do ano passado, pediram ao SEF para se regularizarem podem não estar nestas estatísticas e os de Dezembro não estão seguramente.” Se lhe pedissem que apon-

tasse no mapa os principais pontos de concentração dos britânicos em Portugal, a mão do investigador dirigiria-se, além de para o Algarve, para a região centro, “onde a terra é muito barata para eles”, e também para Lisboa e Porto. “Os recém-chegados vêm para os novos negócios que necessitam de falantes de língua inglesa: são estudantes, cientistas, profissionais dos serviços; é muito variado.”

A partir do Porto, Timothy Hogg confirma. “Tenho notado que estão a chegar pessoas mais novas, muitas delas ligadas às tecnologias que lhes permitem trabalhar em qualquer sítio”, descreve o professor na Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica Portuguesa. Com 57 anos, vive em Portugal há 30. “Sinto-me mais de cá do que de lá”, brinca. E também porque está casado com uma portuguesa, Timothy não receia os efeitos do “Brexit” na sua situação pessoal. Nos britânicos recém-chegados ao país, pelo contrário, nota-lhes “a preocupação de estarem dentro do espaço europeu”. Apesar disso, Timothy pondera agora fazer aquilo que, “por inércia”, não fez antes: requerer a dupla nacionalidade. “É uma vontade anterior ao ‘Brexit’ mas que, depois de feita esta asneira, ficou mais nítida e mais focada.”

Desde a Oporto British School, onde é *headmaster*, Robin Silk respondeu às perguntas do PÚBLICO no que considerou “um dia mau para a Europa e duplamente mau para os britânicos”. Apesar disso, Robin Silk mostra-se confiante de que a já velha relação entre Inglaterra e Portugal servirá de garantia a que haja “poucas mudanças nos direitos dos cidadãos britânicos em Portugal e dos portugueses no Reino Unido”. Isto apesar de “ser francamente preocupante a retórica do Governo britânico que sugere o contrário”.

“O Reino Unido tem escassez de profissionais em certas áreas, sobretudo nos médicos e enfer-

meiros que trabalham no NHS. Durante anos, dependeu dos portugueses qualificados nestas áreas e, depois de um curto hiato, irá continuar a precisar deles. A realidade irá demonstrar que os cidadãos portugueses continuarão a ser precisos no Reino Unido e esperamos que, numa base de reciprocidade, Portugal continue a acolher os cidadãos britânicos”, antecipa, mostrando-se, porém, preocupado com a possibilidade de as universidades britânicas começarem a fechar-se aos estudantes estrangeiros.

“Enquanto director de uma escola cujos alunos vão, em 70% dos casos, estudar para as universidades britânicas, estou evidentemente preocupado que as universidades britânicas comecem a cobrar taxas exorbitantes aos estudantes ‘internacionais’”, declarou, mostrando-se igualmente receoso que se torne mais difícil recrutar professores britânicos para a escola que dirige. “É o nosso outro medo: que a contratação de professores britânicos se dificulte e passe a implicar processos demorados e caros, sem garantia de que, no final, o SEF concederá um visto de trabalho.” “Nas recentes tentativas de recrutamento de pessoal não fomos exactamente inundados com candidaturas”, descreve, antecipando o risco de a opção dos docentes britânicos interessados em trabalhar no estrangeiro passe a incidir sobre “regiões fora da Europa, onde o retorno financeiro é muito mais alto”.

A Dominic Symington, cuja família se fixou no Porto no século XIX, dedicando-se desde então à produção de vinho, e integrando uma comunidade velha de séculos que se organizou na cidade com os seus clubes, as suas escolas e a sua igreja, o que o assombra é a incerteza sobre as futuras relações comerciais entre o Reino Unido e os Estados-membros da União Europeia. “Estou em Portugal desde o dia em que nasci, portanto, para mim, o mais desafiante é perceber como ficarão as relações comerciais com o Reino Unido, que é um mercado importante para nós.”



de-obra neste sector, sendo que a Irlanda do Norte, por causa do acordo específico, e a Escócia, onde há a expectativa de um acordo de cooperação diferente, continuam a ser destinos atractivos. Já os menos qualificados, os que vão para a construção civil e para a indústria da carne – e que são os que têm necessidade de complementar o salário com os benefícios sociais –, tenderão a deixar de ir”, adianta o investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, para sublinhar que, com os expectáveis cortes sociais, “mesmo os que já lá estão acabarão por ter de



Timothy Hogg